

Apresentação

Marília Fátima de Oliveira

Universidade Federal do Tocantins

Olívia Aparecida Silva

Universidade Federal do Tocantins

As artes, em especial as literatura nascidas nas rupturas dos tempos pós modernos e da época presente – ainda não nomeada - foram chamadas por Regina Dalcastagné (1996) de “espaço da dor”. Essas literaturas de denúncia e resistência têm a capacidade de detalhar a angústia, a aflição e a opressão, revelando as injustiças e as dores delas decorrentes.

As literaturas – sempre plurais – são, segundo Adorno, “[...] um dos poucos lugares em que o sofrimento pode ainda encontrar sua própria voz e consolo, sem se ver imediatamente traído [...]” (1965, p. 32). Capazes de atuar como um espaço de “sublimação do horror por meio da estetização” (1996, p. 22), as literaturas foram consideradas por Mia Couto uma “resposta pouca perante os fazedores de guerra e os construtores de miséria”, mas também o caminho para a busca incessante e ininterrupta por uma identidade num mundo pluricultural.

A liquidez de nossos tempos, suas contradições e rupturas, dão origem a narrativas confusas e lacunares, exatamente como nosso tempo presente. Bauman, percebendo notavelmente nossos tempos, teorizou sobre essa liquidez nas relações, nas tecnologias, nas mudanças rápidas em todas as esferas, tão rápidas que se tornaram

líquidas – e dão origem a identidades transitórias e em permanente construção, além de trazer angústia e incertezas ao mundo em que vivemos.

Nessa busca incessante por descobrir nossos múltiplos “eus” e nosso lugar nesse mundo caótico, revisitamos situações de trauma, tentando compreender o passado enquanto lutamos para encontrar referências por nos estabelecer no presente.

A liquidez percebida por Bauman perpassa nossas sexualidades desnaturalizadas, mas também transformações muitas vezes trágicas, inerentes ao nosso momento civilizatório.

Aqui, percebemos que o romance, tantas vezes declarado morto, se mostra mais revitalizado do que nunca, absorvendo estilos e gêneros, se reinventando, continuando a “revelar aspectos da sociedade e da realidade que escapam a hiperinformação das mídias” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 35).

Sem combinarem entre si, os autores deste número nos mostram como a violência da colonização e os processos de libertação (com todas as suas consequências) estão ainda pulsando nas sociedades e visíveis nas escritas de resistência, nos processos criativos que buscam se compreender e compreender o mundo atual. Também presentes estão questões de gênero, identidades em formação, as angústias dos homens contemporâneos e outros temas tão presentes em nossa sociedade.

Autobiografia, romance historiográfico, ficção ... estas e outras formas de narrar presentes nesse número comprovam a importância da revisitação, do retorno ao trauma, da compreensão de nós mesmos, da intransitividade e transitoriedade de nossas identidades.

Nesse sentido, este número da Revista Porto das Letras apresenta diferentes manifestações da ficção contemporânea. Em *O último voo do flamingo: um caminho de resistência*, Michelle Aranda Facchin aponta os elementos de resistência presentes nas obras de Mia Couto, recorrendo à discussão sobre a questão pós-colonial e a África atual. Ainda sobre Mia Couto, Cristian Paula Santana analisa o conto “Meia culpa, meia própria culpa” que reflete sobre entre-lugar e as práticas sociais através do discurso literário e a relação entre a literatura e a história. Nessa linha de análise, Verônica Maria Valadares de Paiva, em *Eu Matei (ou não) Minha Mãe: A Autoficção* de Xavier Dolan, compreende a existência de uma linha tênue entre o real e o fictício no filme de

Dolan, denominando-o como autoficção cinematográfica. Antônio Egno do Carmo Gomes também discute a relação entre literatura e a história em seu ensaio, *A História Como Mito Literário*. Entende que a presença da história na ficção deve ser concebida como mito ou tema romanesco, e ambas preservam ou reconsideram suas especificidades.

O Leitor e suas Implicações em Uma certa felicidade, de Sonia Coutinho, de Luciana Asadczuk, volta-se para as questões da recepção crítica, a presença do leitor e o autor-modelo na narrativa.

Contemplando a literatura produzida pelo consagrado escritor latino-americano, *Las máscaras del personaje femenino central en Travesuras de la niña mala, de Mario Vargas Llosa*, de Nathália Hecz Couto, analisa a construção da identidade da personagem feminina central e suas máscaras e investiga se as trocas de identidade da personagem interferem na estruturação textual.

A Angústia pela Diferença em At Swim, Two Boys de Jamie O'Neill, de Victor Augusto da Cruz Pacheco, é uma leitura comparativa entre a personagem Eveline MacMurrough com o conto "Eveline" do livro *Dublinenses* (1914), de James Joyce. Traz a discussão a partir da "angústia da influência" proposta pelo crítico norte-americano Harold Bloom, tendo como motivação principal para a intertextualidade a renovação da representação corpórea da Irlanda.

As Manipulações Narrativas em Atonement de Ian McEwan, de Tatiane da Costa Pereira Sousa, discute as manipulações narrativas que se estabeleceram como um traço típico da literatura contemporânea, por meio da qual a tradição literária é criticada e reformulada pela produção de novas obras de gênero híbrido e autorreflexivas no tocante ao reconhecimento de seu status como ficção.

A manifestação da identidade nacional em Uma estrela chamada Henry, de Roddy Doyle, de Beatriz Cristina Godoy, compreende que a identidade nacional se manifesta no contexto histórico-social e envolve o protagonista da narrativa durante sua infância e sua juventude. Assim, a crise sócio-política da Irlanda é refletida na crise identitária da personagem despertando-o para o significado de se pertencer a uma pátria.

Do grotesco ao sublime: a violência como elemento condicionante de redenção em Tarântula, de Thierry Jonquet, de Márcia Mucha, investiga como a violência torna-se condicionante de redenção na obra *Tarântula* (1984), de Thierry Jonquet.

Na “Seção Estudos Literários”, há uma diversidade de autores e temas. Valdemar Valente Junior discute, através dos contos de Mário de Andrade, a crise sócio-econômica que o Brasil atravessa culminando na Revolução de 30, e as desigualdades sociais em um país em processo de formação. Lucia Henriques Maia apresenta uma análise descritivo-analítica do romance *O Perdão*, de Andrada de Oliveira, que mostra a cidade de Porto Alegre e seus contrastes; a identidade sulina contraposta à identidade nacional e cosmopolita. O ensaio de Rita de Cássia Guimarães Melo refletirá sobre os grupos medianos e excluídos que habitavam a cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto. Fábio Nascimento Sandes observará em *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, o escritor cindido entre o artifício da cultura europeia e o coração íntimo de um brasileiro. Barbara Melissa Barbosa Marcondes de Almeida e Kátia Rose Oliveira de Pinho realizam, a partir do diálogo *Crátilo*, de Platão, uma interessante discussão acerca da justeza dos nomes. Rondinele Aparecido Ribeiro considera que o Romantismo contribuiu para a formação de uma consciência identitária nacional.

Em “Resenhas”, inicialmente, José Veranildo Lopes da Costa Junior apresenta *Archivo*, obra publicada, em 2015, de autoria do cubano Jorge Enrique Lage, que busca o entrelaçamento entre a literatura e a história tendo como referencialidade a revolução socialista e Fidel Castro como representante desse projeto. Na segunda, Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira comenta *Elogio ao Amor* (2013), de autoria do filósofo e do jornalista, Alain Badiou e Nicolas Truong, respectivamente, cuja temática está voltada para as possíveis ameaças que colocam em risco a existência do amor verdadeiro na atualidade. Na terceira e última resenha de Michelle Aranda Facchin, mais uma obra de Mia Couto, *Mulheres de cinzas* (2015), será discutida. É um romance que refletirá, através da representação, as diferenças culturais, os hibridismos e os conflitos que problematizam a relação entre os africanos e os portugueses.

Após a leitura dos artigos aqui presentes, é evidente como a produção literária demanda reflexões, requerendo abordagens múltiplas. Para compreendermos a produção

do passado e deste momento histórico caótico em que vivemos, só mesmo via boa literatura e boa crítica. É o que vemos aqui.

Esperamos que aproveitem a leitura!!!